

A QUARTA CRUZADA: UM CONFLITO DA CRISTANDADE MEDIEVAL

Alex Mayer Ferreira ALVES¹

Profª MSc. Dinamene Gomes Godinho SANTOS

RESUMO

As Cruzadas foram expedições militares empreendidas contra os inimigos do cristianismo, especificamente os muçulmanos. Essas expedições eram apoiadas pela Igreja Católica e justificadas por seus líderes religiosos como sendo a vontade de Deus. Este artigo tem como objetivo compreender esses eventos importantíssimos da história da Idade Média, em particular sobre a Quarta Cruzada onde ocorre um conflito da cristandade ortodoxa e apostólica. Utilizando de pesquisas bibliográficas em diversos autores que trabalham com o tema como Rousset, Morrisson, Franco Jr, Mello e Hills para compreender esta Cruzada que foi uma expedição curiosa, já que se voltou contra a própria cristandade ao contrário das outras que os inimigos comum de todo o ocidente são os infiéis muçulmanos. Sendo assim, essa pesquisa visou conhecer o contexto histórico desta expedição tão peculiar, seus pontos positivos, negativos, as mudanças causadas na mentalidade europeia após sua realização e quais foram seus principais resultados no contexto político-econômico. Constatou-se, após a pesquisa, que os fatos ocorridos na Quarta cruzada, prejudicaram em muito as relações entre Ocidente e o Oriente, e esses danos são vistos ainda hoje.

PALAVRAS-CHAVE

Cruzadas; Cristandade; Muçulmano; Império Bizantino.

1. Introdução

As divergências e o ódio entre as diferentes crenças religiosas no mundo ainda permanecem fortes. No contexto atual, vemos muito disso acontecendo com os refugiados do oriente que rumam ao ocidente em busca de empregos e fuga dos conflitos em seus países natais, mas sofrem determinados preconceitos sendo taxados de terroristas devido à xenofobia, intolerância religiosa entre outras coisas. Mas vale lembrar que esses fatos já ocorreram na história e torna a acontecer, segundo o historiador Peter Burke, sem conhecer a história ela tende a se repetir.

¹ Graduando em História – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP- Brasil.
mayerschemer@outlook.com

Todos esses problemas levam a perguntas como: Por que de tudo isso, essas diferenças, esse ódio, essas guerras e sofrimentos? Para encontrar essas respostas, é necessário que se dirija ao passado para investigar acontecimentos muito similares a esses. Dentre os eventos que mais assemelham aos movimentos atuais estão as Cruzadas, guerras santas ou peregrinações, como eram conhecidas na época.

Uma das Cruzadas que mais se destacou foi a Quarta que ocorreu de 1202 a 1204. Essa não foi uma cruzada repleta de conflitos entre cristãos e muçulmanos, mas sim conflitos entre a própria cristandade, o que leva a supor que esses conflitos eram muito mais políticos do que religiosos.

A Quarta Cruzada, foi um grande conflito entre Ocidente e Oriente, produto, em parte, de divergências político-religiosas entre dois ramos da cristandade, a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Ortodoxa Grega, além do conflito entre o cristianismo e o islamismo.

Para alcançar respostas às questões levantadas foi necessário realizar pesquisas bibliográficas, com diferentes perspectivas, de vários autores sobre a Idade Média, o feudalismo e as Cruzadas. Foram utilizados os escritos de autores como HILLS (1997), FRANCO JUNIOR (1989), ROUSSET (1980) entre outros.

Quando se fala em Cruzada vem ao imaginário popular cavaleiros com armaduras reluzentes, e grandes cavalos de guerra. Isso devido aos filmes que mostram essas imagens, mas as Cruzadas, ou peregrinações como eram chamadas na época, eram compostas por pessoas comuns, que não possuíam sequer armamentos para se defenderem de roubos durante as viagens. A ideia de as Cruzadas serem compostas por apenas cavaleiros em armaduras reluzentes, não passa de fantasia construída ao longo dos anos, e a ideia de que os cavaleiros eram protetores dos inocentes e cheios de honrarias pode não ser tão factual assim segundo Morrisson (2009) pois eram capazes de cometer atrocidades contra a própria cristandade como foi feito no evento da tomada de Constantinopla.

Esta pesquisa se propôs a analisar fatos históricos que mostram que o discurso e as ações podem mudar devido aos interesses econômicos e políticos de uma dada conjuntura.

2. As Origens das Cruzadas

Quando se pensa nas Cruzadas, logo vem à mente cavaleiros com armaduras reluzentes e grandes feitos de conquistas militares. Mas, as coisas não foram bem assim, pois nas Cruzadas lutaram tanto homens de alto nascimento, que podiam ter tais armaduras, como também homens

da plebe, que faziam parte dos exércitos sem possuir treinamentos, armas e muito menos armaduras. Mas porquê homens com tais características se arriscariam a lutar e quais as origens disso tudo? A resposta é complexa e vários contextos precisam ser analisados como afirma Paul Rousset:

Origens remotas: a própria noção de guerra santa, as peregrinações contínuas à Terra Santa, a longa luta com o Islã, particularmente na Espanha; origens próximas: a situação demográfica, o crescente papel do papado desde Gregório VII, o contexto psicológico, a mentalidade comum com toda a cristandade no fim do século XI. (ROUSSET, 1980, p.13)

A princípio, as Cruzadas eram puramente por causas religiosas e morais: lutar contra os hereges e derrotar o Islã, o grande inimigo da cristandade. Mas, com o passar do tempo, ela começou a ter causas materiais envolvidas, pois a nobreza visava os lucros das expedições ao oriente.

Muito cedo, sem dúvida, e já na época da primeira expedição, os motivos espirituais e desinteressados receberam o assédio violento e constante das ambições políticas e dos apetites materiais. A Cruzada converteu-se para muitos numa aventura lucrativa, num 'empreendimento colonial. (ROUSSET, 1980, p.14)

As Cruzadas chamaram muito a atenção dos filhos dos nobres, em especial os mais novos, pois o mais velho herdava as terras do pai e os irmãos que não iam para o clero viravam cavaleiros sem terras. E estes viam nas expedições ao oriente uma chance de fazer sua fortuna. "Diante de pobres e ricos, mas sobretudo diante dos pobres e desses condenados à pobreza que eram os irmãos mais novos, o oriente aparecia como uma terra de delícias, como um lugar onde se podiam realizar desejos há muito tempo reprimidos" (ROUSSET, 1980, p.14)

Além do mais, essas expedições davam a estes cavaleiros ocupações, pois em tempos de paz e sem inimigos, andavam distribuindo caos no ocidente, entrando em conflitos com outros cavaleiros e realizando saques aos mais indefesos.

O crescimento demográfico também é um excelente motivo para partir nas expedições em busca de melhorias segundo Franco Jr. (1989) Com o fim das chamadas invasões bárbaras do século IX a população no ocidente foi aumentando gradativamente e chegou um momento em que havia gente demais e o sistema feudal já não dava conta das necessidades da população, então, enviar multidões para o oriente era uma solução. Somando os motivos religiosos com os problemas políticos e sociais temos a Cruzada: uma solução para os problemas da Europa Ocidental.

3. A mentalidade na época das Cruzadas e dos cruzados

Antes do espírito da Cruzada se tornar oportunidade de conquistas materiais, este era puramente religioso, lidava totalmente com a crença e a moral das pessoas no ocidente.

Esse espírito de Cruzada é, antes de tudo, o que imaginava os peregrinos da Terra Santa. Os cronistas mostram na Cruzada uma marcha para uma cidade sagrada, uma viagem para um sepulcro precioso; os cruzados consideravam-se peregrinos e beneficiavam-se das vantagens espirituais e temporais reservadas a estes últimos, com, de quebra, os privilégios que Urbano II atribuiu às Cruzadas. (ROUSSET, 1980, p. 48)

Os guerreiros, chamados de “cruzados” receberam esse nome porque usavam uma cruz em suas armaduras e escudos. Esta cruz representava muito mais que um grupo de guerreiros, ela trazia valores espirituais e mentais para estes peregrinos. Era um símbolo que representava toda uma mentalidade ocidental: a união do ocidente sob Cristo e também um sinal sagrado de proteção ao peregrino que portasse este símbolo. “A cruz tem, primeiramente, um valor jurídico; com esse signo, identificam-se os cruzados; é um emblema de conagraçamento e de proteção. A cruz, além disso, comporta um valor espiritual: é um signo sagrado, o signo da salvação.” (ROUSSET, 1980, p. 49)

Para o cristão, a Cruzada era um dever religioso: libertação da Terra Santa das mãos dos hereges e uma libertação individual ao contato com as coisas sagradas da fé cristã.

O cruzado é um peregrino que se propõe libertar lugares santos ocupados pelos muçulmanos, reaver Jerusalém e o santo sepulcro. Os cronistas elaboram sobre os Lugares Santos uma copiosa literatura, celebra-nos e glorifica-nos. A Palestina e Jerusalém são lugares sagrados porque ali Cristo nasceu, viveu e ressuscitou e porque os apóstolos e os primeiros mártires os tornaram ilustres. A Terra Santa é o lugar geográfico da encarnação e da redenção, o local do mundo onde se efetivou a nossa salvação. (ROUSSET, 1980, p.48)

Ao guerreiro era dado muito mais que motivos materiais, eram dados motivos espirituais e de purificação. Ao invés de travar guerras contra ocidentais cristãos, os irmãos de fé tinham nesse momento inimigos diabólicos, inimigos da fé cristã e esses inimigos tomaram o bem mais precioso para os cristãos: a Terra Santa. Então, participar desses conflitos e matar ou morrer em nome de Cristo indicava sacrifício e salvação.

Para os cronistas, o cruzado aparece como sendo o soldado de Cristo, e o exército de cruzados como sendo o exército de Deus. É um guerreiro por ofício e por vocação, um guerreiro que deixou o exército do diabo, o exército dos feudais travando guerras criminosas para incorporar-se ao exército do Senhor. O cruzado é o cavaleiro de Cristo, o colaborador de Deus, e são duplas as suas armas, o ferro e a fé; engajou-se numa aventura que termina com uma vitória militar ou com glória do martírio. (ROUSSET, 1980, p. 48)

A mentalidade na época das Cruzadas misturava o princípio material e o espiritual, tornando-os o mesmo. As batalhas e a peregrinação, tanto eram espirituais como materiais, marchar contra os inimigos que ocupavam a Terra Santa, era tomar a cidade, ou seja, material e também uma conquista espiritual, ganhando a batalha ou não. Morrer lutando por Cristo significava salvação. E para essa mentalidade havia justificativas utilizando arquétipos de santos guerreiros como mistura do sagrado e do profano, espiritual e material num só símbolo: A Cruzada. “O autor da “Canção de Aspromonte”, do século XII, mostra São Jorge de mãos dadas com Rolando: sinal de aliança entre os dois cavaleiros, entre o guerreiro do céu e o guerreiro da terra, que, no pensamento dos cruzados, travam o mesmo combate.” (ROUSSET, 1980, p.49)

4. Relações entre Oriente e Ocidente

No período em que se passaram todas as Cruzadas, a sociedade europeia ocidental tinha como modo de produção o Feudalismo, uma economia de subsistência. A agricultura era a fonte primária de produção seguida por uma pequena indústria doméstica e ainda contava com um comércio incipiente e prestações de serviços.

Economicamente, o feudalismo estava centrado na produção do setor primário (agricultura), hegemônico em relação ao secundário (indústria) e ao terciário (comércio e serviços). Era claramente uma sociedade agrícola pelo fato de essa atividade envolver a grande maioria da população e por quase todos, direta ou indiretamente, viverem em função dela. (FRANCO JR, 1991, p. 29-30)

O artesanato era outro setor econômico importante na sociedade feudal. Segundo Franco Jr. (1991) os artesãos percorriam os feudos prestando serviços em troca de pequenas quantias de moedas e suprimentos para suas necessidades básicas. Além disso, quase todo senhor feudal possuía sua própria produção artesanal. Havia, ainda, um comércio interno nos feudos e entre os feudos. Os camponeses partiam para os centros urbanos e trocavam seus excedentes de

produção por outros produtos necessários, como produtos artesanais ou então produtos que não podiam ser encontrados em algumas regiões, como por exemplo o sal.

“Mais do que esse comércio inter-regional, as trocas locais desempenhavam papel de primeira ordem, com os camponeses levando à feira seu pequeno excedente produtivo e podendo, por sua vez, comprar algum artesanato urbano.” (FRANCO JR, 1991, p.31)

Percebe-se, portanto, que a sociedade feudal não dependia apenas da produção agrária, apesar desse ser o fator econômico principal, ela dependia também de um comércio que, mesmo não sendo essencial, era importante para tal sociedade. Além do comércio local havia o comércio com o Oriente, de onde eram importados os produtos de luxo para as elites, tanto do clero como da nobreza ocidental. “Havia, ainda, um comércio a longa distância que ligava o Ocidente ao Oriente, de onde eram importadas mercadorias de luxo consumidas pela aristocracia laica e clerical.” (FRANCO JR, 1991, p. 31)

Na maior parte desse período o comércio do Ocidente com o Oriente era intermediado pelas cidades latinas, principalmente Veneza que possuía condições privilegiadas no entreposto de Constantinopla. “Os venezianos e os bizantinos eram aliados há séculos. Apenas os venezianos tinham permissão para comerciar livremente em todo o Império Bizantino e isso tornou Veneza imensamente rica.” (HILLS, 1997, p. 20)

Com o tempo, Veneza foi se fortalecendo economicamente no Oriente e se transformando numa poderosa república aristocrática, mantendo relações comerciais com todo tipo de mercadores e de mercadorias e dispondo de privilégios em Constantinopla.

Os venezianos possuíam na capital grega escritórios comerciais e as suas próprias igrejas; em 1148 o imperador Manuel colocou-lhes à disposição um novo bairro e um quarto cais, e estendeu a franquia concedido aos venezianos para as suas operações de compra e venda às suas relações com as ilhas de Creta e Chipre. (ROUSSET, 1980, p.165)

Isso, necessariamente, resultou em latinos vivendo na cidade, e, é claro, em divergências. Venezianos e bizantinos, vivendo lado a lado, levou a vários conflitos entre as duas cristandades e, de certa forma, esses conflitos causavam uma fraqueza política interna na capital do Império Bizantino.

Essa fraqueza interna prendia-se especialmente ao número excessivo de estrangeiros estabelecidos em Constantinopla (italianos em sua maioria), estrangeiros que pelo espírito de iniciativa e pelas suas intrigas, constituíram um perigo para o poder imperial e favoreciam revoluções palacianas. (ROUSSET, 1980, p.165).

Devido a um massacre de mercadores venezianos em 1182 durante revoltas populares ocorridas na cidade de Constantinopla, revoltas contra a população latina que vivia em Constantinopla, ocorridas em função de certos privilégios comerciais que os mercadores de Veneza detinham.

Mas a amizade transformou-se em inimizade quando os bizantinos reduziram os privilégios dos venezianos e começaram a negociar com seus rivais, como os genoveses. Em 1182, os mercadores venezianos foram expulsos de Constantinopla. Muitos chegaram a ser mortos. (HILLS, 1997, p. 20)

Apesar das relações comerciais terem sido restabelecidas rapidamente após o incidente, a hostilidade entre católicos e ortodoxos permaneceu. Essa hostilidade se deu pelo choque cultural entre esses dois povos, pois possuíam grandes diferenças de costumes desde os séculos da Alta Idade Média. Com a queda do Império Romano, após as invasões das tribos Germânicas e a queda de Roma, romanos e germânicos passaram a conviver e obviamente a cultura destes dois povos passam a se fundir. Já o oriente manteve a cultura herdada de seu passado helenístico e conseguiu substituir Roma como um forte império comercial, intelectual e cultural. “O desaparecimento do Império Romano e as invasões bárbaras interromperam apenas temporariamente as relações entre Ocidente e o Oriente. Bizâncio, herdeira da civilização grega, sucedia a Roma e ao mesmo tempo, passava por capital intelectual da cristandade.” (ROUSSET, 1980, p. 18)

Quando houve contato em larga escala entre esses dois povos – como na Quarta Cruzada, com os francos adentrando Constantinopla – o estranhamento foi inevitável.

5. Os interesses dos cruzados na Quarta Cruzada

A Quarta Cruzada foi um movimento encabeçado pelo clero e a nobreza ocidental, com os objetivos de retomar o controle da cidade de Jerusalém que estava em poder dos muçulmanos, mas diversos fatores levaram a um desvio desta Cruzada levando-a a atacar e tomar Constantinopla, capital do Império Bizantino.

O principal incentivador desta Cruzada foi o papa Inocêncio III, que com seu discurso convenceu a nobreza ocidental (sobretudo a nobreza franca) a organizar a expedição. Ao contrário das Cruzadas anteriores, a Quarta Cruzada foi uma expedição sem a participação de reis ocidentais propriamente, tendo como líderes a nobreza franca.

Contudo, é curioso como aparentemente esta Cruzada começava como a primeira, incentivada por um papa de prestígio (Inocêncio III), movimentando a nobreza feudal, mas não soberanos, reunindo efetivos sobretudo franceses. (FRANCO JR, 1989, p.50-51).

Conforme aponta Franco Jr. (1989) objetivo primordial desta cruzada era de executar um ataque ao Egito, o mais rico e também mais fraco dos estados muçulmanos. Para efetuar este ataque seria necessário uma esquadra, já que seria feito por mar. A cidade latina de Veneza ficou encarregada de fornecer os navios para o transporte em troca de um pagamento.

Tratado com Veneza para o transporte do exército, calculado em 4.500 cavaleiros, nove mil escudeiros e vinte mil “sargentos” de infantaria, além de seu aprovisionamento durante um mês, o qual foi assinado mediante o pagamento de 85 mil marcos de prata. (MORRISSON, 2009, p. 60).

O acordo foi selado, mas, chegado o tempo do embarque, os cruzados não dispunham de todo o dinheiro para o pagamento devido a alguns fatores, como o fato de parte do exército cruzado ter tomado outras rotas. Sendo assim, Veneza ofereceu um novo acordo aos cruzados: em troca de emprestar o transporte, Veneza pediu auxílio aos cruzados para retomada de um porto na cidade cristã de Zara. “Estes concederam uma moratória do restante sob a condição de que os cruzados ajudassem Veneza a retomar o porto dálmata de Zara, que lhes havia sido conquistado pelo rei da Hungria.” (MORRISSON 2009, p.60). Esse foi o primeiro desvio da expedição, e não um desvio qualquer, pois o ataque estava sendo direcionado contra uma cidade pertencente à cristandade. E como esperado, foi desaprovado por Inocêncio III, “O papa excomungou os venezianos e cruzados que participaram do ataque, mas logo suspendeu a pena destes últimos.” (MORRISSON, 2009, p.60)

Antes de partir para o ataque a Zara, os cruzados receberam algumas propostas de Aleixo (IV), filho do imperador bizantino que havia sido destronado por seu irmão.

Os chefes cruzados, já desviados do principal objetivo da cruzada, desvio que poderia ter sido apenas provisório, acolheram propostas do príncipe Aleixo, filho do imperador bizantino, Aleixo, o Anjo. (ROUSSET, 1980, p.172).

Este príncipe já havia feito propostas ao próprio Inocêncio III para apoiar sua causa e recuperar seu reino, prometendo ao papa trabalhar na união das igrejas Ortodoxa e Apostólica “[...] teria então prometido ao papa trabalhar para a reunião das igrejas, objetivo para o qual se inclinava precisamente a política oriental do pontífice”. (ROUSSET, 1980, p.172). Devido à razões políticas com o então imperador reinante em Bizâncio, Aleixo III, o papa não acolheu as propostas do príncipe, restou ao exilado pedir apoio aos barões cruzados e à Veneza. As propostas caíram como luva, tanto para os cruzados que possuíam interesses no oriente, como para os latinos que almejavam retomar seus privilégios em Constantinopla.

Ao final de 1202, cruzados e venezianos aportaram em Zara, que ofereceu pouca resistência e logo rendeu-se, pedindo clemência pela vida de seus habitantes. Cruzados e

venezianos resolveram passar o inverno em Zara, período recheado de disputas pelo poder entre os dois grupos. No decorrer desse tempo, novas propostas foram feitas por Aleixo (IV), propostas estas bem aceitas por latinos e francos. “Este prometia, caso viesse a recuperar o Império graças ao auxílio dos cruzados, por termo ao cisma, pagar em prata a quantia de 200 mil marcos, fornecer provisões ao exército e sustentar do seu bolso, enquanto vivo fosse, 500 cavaleiros na terra de além-mar.” (ROUSSET, 1980, p.173).

No segundo desvio da cruzada foi feito, latinos e cruzados aceitaram as propostas de Aleixo (IV), pois era de interesse de ambos explorar novas riquezas. Os preparativos foram feitos e em junho de 1203 chegaram à Constantinopla. Após tentativas em vão de negociações de ambos os lados (latinos e bizantinos) só ficou mais clara as divergências entre as duas cristandades. “Mais uma vez, gregos e latinos encontravam-se com sentimentos de hostilidade e temor; a Cruzada, que deveria tê-los consagrado num empreendimento comum, separava-os, e Constantinopla, “a cidade protegida de Deus”, era a origem do penhor dessa disputa.” (ROUSSET, 1980, p.175)

Em meados de julho de 1203 a cidade foi tomada sem muito esforço, o antigo imperador foi reposto do trono e fugiu, mas o que aparentava ser uma conclusão dos planos iniciais dos latinos acabou saindo da linha, pois o príncipe (Aleixo IV) e seu pai não puderam cumprir sua parte do acordo, o que tornou os cruzados impacientes, e ainda para piorar a situação a população grega possuía enorme hostilidade contra os ocidentais. Com a insatisfação cada vez maior da população por estrangeiros estarem transitando em sua cidade e mais alguns fatos, o antigo Imperador e seu filho Aleixo IV foram derrubados.

Incapazes de cumprir as promessas feitas aos cruzados, cuja impaciência aumentava dia a dia, ao mesmo tempo que a população grega lhes tornava progressivamente mais hostil, ambos foram derrubados por uma revolta popular, que colocou no trono Aléxis V Dukas, um antilatino convicto. (MORRISSON, 2009, p.60)

Os portões da cidade foram fechados para os ocidentais e as promessas não foram cumpridas, então, em abril de 1204 Constantinopla foi tomada e saqueada pelos latinos e cruzados.

6. As consequências da Quarta Cruzada

Partindo do objetivo inicial da Quarta Cruzada, pode-se perceber que ela foi um completo fracasso, pois o ideal cruzadista foi completamente desviado e veio a desaparecer. Os cruzados nem chegaram a enfrentar os verdadeiros inimigos da cristandade, os infiéis mulçumanos.

Todos os acontecimentos desta cruzada levantaram críticas ao propósito das cruzadas, já que elas podiam ser facilmente desviadas de suas pretensões.

O desvio da Cruzada que levou ao saque de Constantinopla, contribuiu imensamente para o aprofundamento do cisma entre Oriente e Ocidente. Toda a violência causada pelos cruzados e latinos devastou a cidade e levou a cristandade oriental a comparar a violência dos ocidentais à dos sarracenos, sendo que estes últimos eram tidos como inimigos de Cristo, ou seja, eram os infiéis, vistos como verdadeiros animais, e, ainda assim, foram os ocidentais cristãos que cometeram as maiores atrocidades.

Tudo o que foi estocado aqui durante tantos séculos, tão grandes bens, nem os nobres, nem os ricos, ninguém pôde impedir sua conquista', escreveu Robert de Clari, enquanto o cronista bizantino Nicetas Choniates, que também testemunhou os acontecimentos, comparava a bondade dos sarracenos com as violências dos latinos, 'que trazem a cruz de Cristo nas costas'. Assim, a cruzada arruinou a 'rainha das cidades' da cristandade e definitivamente provocou os cisma entre as igrejas e os fiéis do Oriente e Ocidente. (MORRISSON, 2009, p.61)

A notícia de que a Quarta Cruzada acabou desviando seu rumo para Constantinopla para ajudar o Imperador Bizantino, foi aceito normalmente pelo clero e pelo papa, pois esses viram nesse ato uma oportunidade de reunir as igrejas do Oriente e Ocidente numa só, evidentemente sobre o domínio de Inocêncio III.

Como afirma MORRISSON:

É claro que Inocêncio III desejava que a igreja Grega se submetesse a Roma e que o Império bizantino auxiliasse a cruzada em vez de contrariá-la, mas tudo leva a crer que nem por um momento ele tenha planejado empregar a força reunida para atingir tais fins. (2009, p. 62)

Ao chegar notícias dos ataques violentos ocorridos em Constantinopla, o clero e o papa já mudaram seu posicionamento em relação ao ocorrido pelas consequências que este trazia para toda a cristandade e, obviamente, um culpado foi logo apontado: os venezianos.

Vos desviastes e fizestes desviar o exército cristão da boa rota e o colocastes na má [...] Vós guiastes erroneamente um exército tão numeroso [...] que tivemos tanta dificuldade para reunir, que custou tão caro para conduzir e no qual havíamos fundado nossas esperanças não somente de reconquistar Jerusalém, mas ainda de capturar a maior parte do reino do Egito. (MORRISSON, 2009, p.61)

Veneza foi considerada a culpada pelo desvio da Cruzada, mas sem esse acontecimento o Ocidente não seria o que veio a se tornar após a Quarta Cruzada e Veneza, provavelmente, não viria a ser o império comercial em que se tornou. A dificuldade de conseguir novas rotas e

novos recursos comerciais foi superada com o auxílio dos cruzados. Com o domínio sob Constantinopla, Veneza passou a dominar portos e obter diversos produtos agrícolas e outros materiais que não obtinha antes da Cruzada

A república possuía com exclusividade os portos de Corona e de Modona, ao sul de Messênia, e a totalidade da ilha de Creta que, a partir do século XIV, foi a principal fonte de madeira para a metrópole, além de enviar-lhe trigo e outros produtos agrícolas. (MORRISSON, 2009, p.64)

7. Considerações finais

Conclui-se com esta pesquisa que a Quarta Cruzada foi meramente um jogo político e econômico, pois, ao completar as tarefas impostas pelas necessidades materiais que levaram os cruzados a avançar contra o inimigo da cristandade, os cruzados simplesmente abandonaram seus objetivos iniciais e montaram seu pequeno e fraco Império em Constantinopla, onde gozavam de certos poderes políticos e econômicos.

Apesar de fraco, esse império ainda durou algum tempo e, o mais importante, concedeu a Veneza muitas riquezas e um forte poderio econômico. Os francos também tiveram um curto domínio no Oriente, os reinos erguidos por eles não tardaram a cair. Durante esse período de estadia dos ocidentais no Oriente, agravou-se em muito, o ódio que os bizantinos já sentiam por eles. Mas, para o Ocidente a consciência do cisma, nunca chegou a ultrapassar os meios eclesiásticos.

Os fatos ocorridos na Quarta cruzada, prejudicaram em muito as relações entre Ocidente e o Oriente, e esses danos são vistos até hoje, além de que a tomada de Constantinopla causou inúmeros prejuízos ao Império de Bizâncio e o enfraqueceu muito, levando à sua queda no século XV.

8. Referências Bibliográficas

FRANCO Jr, Hilário. **As Cruzadas**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **O Feudalismo**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

HILLS, Ken. **As Cruzadas**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

MELLO, José Roberto. **As Cruzadas**. São Paulo: Ática, 1989.

MORRISSON, Cécile. **Cruzadas**. Porto Alegre: L&PMPOCKET, 2009.

ROUSSET, Paul. **História das Cruzadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.